

NARRATIVAS ACERCA DA PRÁTICA EDUCATIVA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA

Saulo Sobral Gomes ¹
Joaquim Iarley Brito Roque ²

RESUMO

Este trabalho pretende construir uma análise descritiva das atividades do programa de monitoria acadêmica no contexto do Ensino Superior enquanto prática educacional de caráter fundamental para a construção do conhecimento intelectual e profissional do discente. Para tanto, o texto se desenvolve a partir dos conceitos abordados pela praxiologia, isto é, o estudo analítico da experiência a partir da prática, para compreender o papel da monitoria enquanto prática educacional, bem como a estruturação das relações de poder que permeiam discentes e docentes, tendo o ambiente acadêmico como o espaço social no qual elas se constroem. Resulta dessa narrativa a compreensão da importância da monitoria no que tange a aquisição de conhecimento, uma vez que une a relação de aprendizagem com uma interação social mais estreita entre estudantes e educadores.

Palavras-chave: Monitoria, prática educacional, educação, autoanálise.

INTRODUÇÃO

O texto que se segue se propõe a descrever as articulações teórico-práticas realizadas a partir de atividades do programa de monitoria de uma IES (Instituição de Ensino Superior), mais precisamente, durante a construção da disciplina *Psicologia e processos educacionais*. Tal narrativa será construída a partir da praxiologia e da autoanálise, pois tais métodos proporcionam paradas reflexivas, críticas, que nos impelem a reconstruir percursos formativos profissionais e pessoais. Assim, corroborando com o que Pierre Bourdieu afirma em seu *Esboço de auto-análise* (2005), não realizaremos aqui uma narrativa autobiográfica, mas sim uma metanarrativa, ou seja, uma narração que se lança para além da naturalização de uma visão subjetiva e individual de mundo. O texto também se compromete a desnaturalizar discursos à medida que o submete ao crivo de diversos outros, que se apresentam via quadro multireferencial teórico, em que conceitos e propostas epistêmicas se cruzam em disputa, para que em suas respectivas interioridades constitutivas possam se reformular e se reconhecer. Eis a necessidade de diálogo com autores como o próprio Bourdieu, Giroux, Freire, dentre outros, que transitam entre a matriz radical crítica e a culturalista na educação.

Nesse sentido, justifica-se a escolha em utilizar o capital linguístico e cultural adquiridos em meio às experiências e vivências acumuladas durante as leituras das grandes correntes

¹ Graduando de Psicologia da UNILEÃO - CE, saulosobral@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutor, UNILEÃO - CE, joaquimiarley@leaosampaio.edu.br;

epistêmicas em educação, as intervenções realizadas na extensão, e o contato entre docente e discente em meio ao programa acadêmico de monitoria. Por tal motivo utilizou-se a praxiologia como metodologia, esta que se realiza a partir do estudo e compreensão daquilo que coloca em jogo a própria ação do sujeito em determinado campo e nos possibilita esclarecer até que ponto a práxis sofre influência e influencia a construção do capital linguístico característico do *habitus* professoral e estudantil.

O texto que ora se apresenta se desenvolverá em duas partes. A primeira apresenta algumas leituras teóricas acerca da educação e dos processos sociopolíticos que a constituem. Já a segunda se realiza a partir de uma narrativa cronológica das experiências e situações que constituíram todos os fenômenos pertencentes à experiência da monitoria. Tal relato não busca lançar uma psicologização da experiência, mas apenas evidenciar aspectos gerais da percepção do professor orientador e dos estudantes monitores. É nesse sentido, que se pode afirmar que a autoanálise não se propõe a ser uma investigação psicanalítica sobre as “razões” inconscientes que nos levam a agir de uma forma ou de outra, embora essas possam ser influenciadas por elas, mas um exercício de investigação sobre uma práxis, mediado por propostas epistêmicas diversas.

Como arcabouço conceitual-teórico se apresentará a sociologia de Pierre Bourdieu, a pedagogia de Paulo Freire e as considerações sobre educação de Giroux, Apple, McLaren e Stuart Hall. Nota-se, portanto, que o relato que se segue se estrutura a partir de diálogo com quadros referenciais múltiplos, que muitas vezes aparentemente se mostram contraditórios, embora complementares. Busca-se também, destacar os conhecimentos produzidos no campo cultural brasileiro, a influência dos fatores sociais historicamente construídos no processo de criação e reprodução de saberes e autorização dos modos de ser na sociedade contemporânea. Tal compreensão, norteará o entendimento sobre qual o lugar habitado pelos docentes e discentes no *campus academicus*, para que assim, se possam desvelar a política de gestos e elementos simbólicos que mediam as relações de poder entre estes e entre as instituições totais.

METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa é o da Praxiologia, que segundo Bourdieu (1994) procura construir nessa tese uma relação entre o objetivismo e o método fenomenológico um estudo da prática. Segundo o mesmo,

“tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas

estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer um questionamento das questões de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador, situando-se no próprio movimento de sua efetivação (Bourdieu, 1994, p. 47).”

Dessa forma, é possível compreender a praxiologia como método sustentando-se no coceito de prática, no qual tem como objetivo avaliar processos sociais de maneira mais complexa, e mais científica, visto que analisa a experiência em si de maneira mais científica e contextualizada (BOURDIEU, 1994).

Além disso, foi realizado um resgate à teorias consagradas academicamente, como os pensamentos de Paulo Freire, Giroux, Hall e o próprio Bourdieu, com o intuito de analisar criticamente as experiências aqui mencionadas.

DESENVOLVIMENTO

Bourdieu (2010), em parceria com Passeron, analisou em “A reprodução”, o funcionamento do sistema escolar francês e descobriu que, no lugar de ter uma função transformadora, o sistema reproduz e reforça as desigualdades sociais. Para tal, observou que desde o ensino infantil a aprendizagem formal apresenta elementos de dominação de uma classe sobre a outra, que de forma sutil serve para manter o status quo. Esta manutenção não acontece de forma tão pacífica, mas sim a partir de diversas atividades produtoras de violência, que ele afirma serem efetivadas pelos agentes educadores por estes apenas reproduzirem aquilo que a estrutura social apresenta. Ou seja, muitos educadores reproduzem essa violência (que não necessariamente é direta e objetiva) sem refletir de forma crítica sobre as consequências sistêmicas de suas práticas.

Sobre a questão da violência Bourdieu se debruça ainda no livro I da referida obra, onde, por exemplo, se apresentam os fundamentos de uma teoria da violência muito específica, a saber, a simbólica. A ação pedagógica, por exemplo, segundo o autor, por ser reprodutivista acaba objetivando uma violência simbólica pela imposição de um poder arbitrário, via arbitrário cultural. Ou seja, a imposição de determinado capital cultural produzido por uma classe social a outra via escolarização e sistematização curricular configura uma forma sutil, embora

violenta, de imposição ideológica. Ao analisarmos os programas e tecnologias educativas contemporâneas podemos notar que a retirada ou inserção de disciplinas é um movimento quase sempre ligado aos interesses dos grupos detentores de poderes políticos, que a partir da concentração de poder dirigem a formação dos estudantes via currículo escolar. Basta Como aponta (uma verificação da quantidade de tecnologias e propostas educacionais que surgiram nos EUA após a II Guerra Mundial motivadas pelo crescimento econômico e pela consequente necessidade de investimento em qualificação da mão de obra americana, tal como mostra César (2007).

Outra forma de violência, segundo Bourdieu, seria a “autoridade pedagógica”, esta que se fundamenta na relação de comunicação entre seres impossibilitados de produzir reciprocidade devido à concentração de poder. Nos sistemas educacionais, após instaurada tal autoridade surge o "trabalho pedagógico" pelo qual se reproduz os conhecimentos historicamente produzidos e selecionados. É na escola e a partir de seu currículo, por exemplo, que se criam condições para a instituição de um determinado *habitus*, ou seja, um sistema institucionalizado e aceito socialmente que se organiza com a função reproduzir o poder do arbitrário cultural já sistematizado pelas outras dimensões.

Ou seja, Bourdieu e Passeron (2010) acabam revelando quais as estruturas sociais que a escola reproduz que favorecem a exploração de uma classe social por outra, mais precisamente, a burguesia e o proletariado. É a partir de um estudo sistemático sobre os critérios de seleção, os níveis de ensino e a linguagem, que os autores acabam desvelando que o sistema educacional é um microcosmo, ou seja, um espaço menor dentro do espaço social, mas que reproduz o mesmo *habitus* que seu macrocosmo.

Considerado como um sistema de comunicação as escolas são espaços onde os capitais culturais e linguísticos se entrelaçam na produção de conhecimento, mas em muitos casos ao desprezar a distância existente entre os capitais dos estudantes e professores as instituições passam a alimentar um abismo quase intransponível entre quem ensina e quem aprende, criando uma relação de autoridade e verticalidade na educação. Dessa forma, portanto, pode-se dizer que os processos educacionais foram pensados para os discentes, mas não por estes e muito menos a partir de seus interesses. Por isso, as instituições escolares continuam a apresentar um caráter elitista e a utiliza-se dos seus próprios meios técnicos e ideológicos para promover a inculcação. É nesse sentido que a tradição erudita é imposta pelos professores e não aceita pelos receptores pela dificuldade de assimilação, pois esta seria estranha ao capital intelectual adquirido por eles a partir de seus próprios *habitus*.

Bourdieu e Passeron (2010) ainda avaliam que os exames e avaliações são considerados rituais que representam a possibilidade de um aluno “provar” que superou o saber profano e inseriu-se no campo do saber sagrado, um saber para poucos. A aprovação em uma avaliação, por exemplo, inculca no estudante, via atos institucionalizados, a ideia de que é merecedor da ascensão social. Com tal processo a escola reproduz em nível micro valores liberais, sustentando que qualquer um pode crescer socialmente e subir cada vez mais um degrau na escala social. A questão que não se coloca muitas vezes é que essa configura apenas uma promessa, como aponta o “pode crescer”, e não uma garantia. A ideologia política liberal, portanto, acaba sendo incorporada via crença na meritocracia, que muitas vezes acaba por isolar o sujeito dos fatores econômicos e sociais criando uma falsa ilusão ao levantar a possibilidade de ascensão social e vida digna a todos.

Como nota-se, as descobertas de Bourdieu e Passeron (2010) se configuram a partir de suas críticas ao conservadorismo reproduzido pelas escolas e pelos mais variados métodos pedagógicos, muitos chamados de inovadores, mas que na verdade apenas reproduzem as desigualdades inerentes às estruturas sociais que circundam e estão presentes nas instituições escolares. A questão que se impõe, a partir de tais colocações realizadas anteriormente é: como compreender a relação entre docentes e discentes a partir de um programa institucional de monitoria acadêmica?!

Tal pergunta pode ser melhor assimilada e delineada a partir do que apresenta Henry Giroux (1986) em sua “Teoria Crítica e Resistência em Educação”, que se propõe a articular uma crítica às formas de dominação presentes nas instituições escolares. Evidencia-se que o conceito chave para Giroux na referida obra é o de resistência, visto que o autor acredita que uma educação emancipatória deve basear-se em tal princípio. Ou seja, aquilo que Bourdieu e Passeron revelam Giroux se propõe a combater.

Uma das críticas mais veementes de Giroux (1986), influenciada pela perspectiva frankfurthiana, se dirige ao discurso iluminista, pois na sua ótica este atribui à razão o poder de criar uma sociedade mais justa, algo que a própria história nos mostrou que não se efetivou, visto que a razão instrumental simpática à industrialização retirou do ser humano certa sensibilidade necessária para a vida em coletividade. O iluminismo, por exemplo, foi criticado pela psicanálise, que segundo Rouanet (1989), junto ao Marxismo, faz parte da interioridade constitutiva da Escola de Frankfurt, e oferece (a partir da teoria das pulsões), elementos para se compreender verdadeiramente os mecanismos de controle social e político.

A conversão de uma mentalidade sensível em instrumental foi motivada, segundo Giroux (1986), pela substituição de uma razão crítica por uma razão que se constituiu em meio

aos processos de burocratização e racionalização da vida. Nas escolas e processos educacionais notamos como os métodos empregados se assemelham cada vez mais com aquilo que dita o ritmo do mundo do trabalho: controle do tempo, do corpo, do desejo, minimização do sujeito via homogeneização das práticas, etc. Tais fenômenos, para o autor, só se reproduzem e se efetivam pela ausência de criticidade social que se observa também nas escolas, tais como o não questionamento de alguns princípios que norteiam a instituição, como o currículo oficial e o oculto.

Mas apenas uma autorreflexão sobre a educação parece não ser suficiente para garantir uma formação e um modelo escolar emancipador, e por isso esse autor propõe que na escola devemos sempre ter em mente que o conflito e a resistência são sempre os sinais que indicam por qual caminho seguir. O processo educacional deve superar o de escolarização ao se transformar em um movimento de libertação (GIROUX 1986).

Seu pensamento se torna relevante para a educação à medida que consegue revelar que a escola, enquanto fragmento da sociedade, reproduz seus valores e está engajada na lógica da exploração capitalista, e por isso não pode alcançar sua finalidade, visto que qualquer teoria educacional deveria buscar desenvolver o cidadão para vida civil, e não para a vida privada, baseada no egoísmo e no individualismo. Por fim, representa a necessidade de se pensar um retorno à educação grega antiga, à Paidéia, uma formação para a vida na comunidade e para a comunidade, mas claro, sem ser pensada como ideal de uma aristocracia, como foi na Grécia (GIROUX, 1986).

Ainda na corrente radical crítica da educação encontra-se o educador pernambucano Paulo Freire. A pobreza, o sofrimento, a opressão, por exemplo, são objetos de seu estudo, que de forma nada despretensiosa pretende se posicionar em favor dos oprimidos e contra os opressores, mas claro, levando em consideração que os opressores também são desumanizados à medida que são desumanos, pois não existe possibilidade do homem ser mais sem ser com o outro.

A prática da educação libertadora seria o caminho para a efetivação do amor como arma de combate à consciência sádica, agressora, exploradora, do opressor. Mas para isso ocorrer seria necessário que o oprimido primeiro lutasse contra a inveja do opressor que nele habita. Só negando o opressor que nele reside é que o oprimido pode perder o medo da liberdade. Mas para tal estes precisam acordar do sono dogmático incutido em suas cabeças via naturalização da história. Aqui Freire corrobora com Giroux à medida que compreende a emergencial tarefa de constituição de mentalidades críticas acerca da história humana (FREIRE, 1987).

É desvelando as determinações históricas e suas reverberações nas práticas educativas que Paulo Freire observa que a escola reproduz aquilo que nas fábricas, nos bancos, nas instituições públicas e privadas conduz à lógica e ritmo de trabalho, a saber, a repetição e transmissão de informações. Em uma educação assim, segundo Freire (1987), a subjetividade, o potencial criador humano tende a morrer, perder sua cor e sua força. A esta lógica de reprodução de informação ele chama de educação bancária, pois nesse sistema a cabeça do estudante seria apenas um local para depósito de informações, e não de saber. Seria necessário que os educadores observassem suas práticas de forma crítica para perceberem que a educação não é um processo que ocorre verticalmente, mas sim horizontalmente, no sentido de que professor e estudante não são tão diferentes, pois este ensina enquanto aprende e aquele aprende enquanto ensina. Ou seja, a tecnologia de ensino mais eficaz seria o amor. Talvez por ser a força motriz que mais parece estar ausente nas relações daqueles que habitam os espaços educacionais.

Analisando o que Stuart Hall chama de crise de identidade, ele acaba por promover um estudo sobre a formação de novos fenômenos sociais resultantes das transformações das estruturas pós-modernas. Essa crise de identidade que se apresenta nas sociedades contemporâneas se manifestou no presente momento histórico, pois se antes o iluminismo fornecia ao homem a segurança da força da razão e a leitura de que o ser humano seria um átomo social que não se perderia diante do todo, a pós modernidade inaugura a insegurança por substituir tais valores pela ideia de que o todo está fragmentado em várias partes sem ligação umas com as outras. Ou seja, o plural não se constitui da soma das singularidades, mas sim de sua destruição. É por isso que podemos ver o quanto nossas escolas descaracterizam os sujeitos sociais via burocratização da vida (HALL, 2000).

O referido autor promove sua análise sobre as mudanças originadas pós fenômeno da modernidade tardia, chegando a afirmar, por exemplo, que o tempo atual é marcado pelos fenômenos da aceleração, da fragmentação, da ruptura e deslocamentos constantes. É nesse contexto que ele pensa a identidade como resultado do processo de globalização. É na contemporaneidade que as identidades, antes unificadas por valores e “mestres universais”, se tornam totalmente desorientadas, pois toda identidade deveria comportar em si as diferenças (HALL, 2000).

O que parece está em jogo na sua obra é a necessidade de se pensar em uma comunidade global, que sem diluir os regionalismos integre à noção de identidade a ideia de que um nacionalismo exacerbado não tem sentido frente ao fato de que as culturas nacionais, construindo um dispositivo discursivo, representam a diferença como unidade ou identidade,

pois são “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural, são, portanto, *híbridos culturais*. Nem no velho mundo se encontra uma comunidade formada por uma determinada cultura original, e muito menos nos países emergentes e colonizados. Portanto, pensar em um retorno aos ideais conservadores significa negar o próprio movimento da história e o lugar da pluralidade de manifestações humanas na cultura, que agora se constitui a partir de influências múltiplas (HALL, 2000).

Por fim, Stuart Hall pensa a questão de identidade como sendo o espaço de revelação do que ocorre com as identidades na globalização, a saber, sua constante transformação, onde uno e múltiplo se alternam na constituição de uma identidade híbrida em todas as culturas. Para a educação tal noção lança a necessidade de se pensar os espaços educativos como lugares propícios à garantia de direitos, onde os sujeitos podem assumir identidades diferentes e em diferentes momentos, não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, por estarem em constante transformação. À escola, portanto, cabe a tarefa de garantir o espaço de manifestação das identidades culturais, que híbridas ou não, representam o resultado da multiculturalidade. Algo que a escola tradicional não foi capaz de realizar, principalmente por estar muito mais presa a processos pedagógicos do que à formação humana como finalidade última do ato educativo (HALL, 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do segundo semestre de 2017 foi lançado edital de seleção de monitores acadêmicos para vários cursos e disciplinas de uma IES da Região Metropolitana do Cariri. Na oportunidade, o professor da disciplina “Psicologia e Processos Educacionais” pensou em selecionar dois monitores para construir suporte para os estudantes matriculados. Após os trâmites legais foram selecionados dois estudantes, que se apresentaram ao professor e já iniciaram suas atividades.

A monitoria acadêmica tem como intuito contribuir para a formação dos estudantes à medida que o insere de forma mais direcionada nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Tal projeto busca desenvolver a autonomia do estudante, o aumento do senso de responsabilidade a partir da atribuição de responsabilidades que em outros momentos são vinculadas apenas ao professor, embora não tudo que constitui tarefa do docente possa ser realizado pelo monitor. Objetivamente, as atividades de monitoria têm como finalidade oferecer auxílio aos estudantes a partir das dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem. O monitor também pode auxiliar e estruturar ações de planejamento, execução, e avaliação das

aulas e ações extraclasse, aprimorando suas habilidades e aprendendo como se configura o trabalho docente, pois o programa de monitoria pode trazer para o acadêmico um momento de esclarecimento como relação a escolha da vida docente, devido ao fato de sanar as incertezas sobre o próprio processo de aprendizagem do estudante (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011).

Portanto, pode-se dizer que a monitoria é um campo em que o monitor pode aprimorar suas capacidades docentes, como a habilidade discursiva e de observação, além de expor as objeções existentes na vida do ensino, servindo de período de aprendizagem para uma possível vivência futura no âmbito educacional (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, podemos nos perguntar se a monitoria não seria mais um mecanismo de reprodução de capitais de uma classe social sob outra via institucionalização de conhecimentos e práticas.

O *campus academicus*, espaço em que se encontram o *homo academicus* e onde se constituem *habitus* muito específicos, possui suas próprias regras e determinações. A relação docente/discente muitas vezes é mediada por códigos de ética, regimentos, departamentos, e pela própria relação que se constrói em sala de aula, via contrato pedagógico ou crenças constituídas socialmente. O que podemos pensar a partir de Bourdieu (2005) é se a monitoria não seria o *campus* capaz de fomentar determinados *habitus* em que docentes e discentes se encontram buscando estreitar seus capitais. Observa-se na monitoria, que conhecimentos, posturas e leituras dos processos educacionais são trocadas a partir de maior espaço de comunicação e entendimento. Nesse sentido, o professor pode, no papel de supervisor, orientar o monitor com o objetivo de apontar os caminhos da docência, promovendo, portanto, a preparação para que tal formação específica seja buscada.

Foi percebido que monitoria deve também buscar desenvolver a criticidade do estudante, que de posse das inculcações passa a se posicionar de forma mais significativa em sua vida acadêmica, em sua formação. Mas vale ressaltar que a educação superior também é influenciada pela racionalidade iluminista, visto o que foi explanado por Hall (2000), e por isso pode se configurar como espaço de resistência ao processo de instrumentalização das relações pessoais íntimas, reproduzindo na esfera educacional a cultura da tecnocracia. Porém, a partir de um referencial pedagógico mais crítico, a monitoria pode ser lugar de estreitamento e reconhecimento mútuo entre estudantes e professor, possibilitando o desenvolvimento não só de tarefas, mas de encontro entre subjetividades.

A experiência de monitoria apresentada a seguir buscou se construir a partir de um trabalho de cooperação, visto que se trata de um trabalho educacional pensado e executado pelos monitores, alunos e facilitador professor. Um fator importante a se destacar em tal atividade é que esta se realizou em diversas vertentes, pois os monitores participaram das aulas,

dos encontros com os estudantes, do planejamento e efetivação de atividade de extensão universitária.

Com relação a experiência de ser monitor, é possível identificar algumas dificuldades, sendo a principal delas a falta de procura de outros alunos, que por sua vez desencadeia outros problemas, como por exemplo, uma certa desmotivação por parte do monitor, pois esse espera contribuir com a aprendizagem dos alunos a partir dos encontros semanais. Porém, é importante destacar outros fatores que tornam a monitoria uma experiência positiva, tal como o contato com todas as etapas do trabalho docente: o planejamento de aulas, preparação de trabalhos, aspectos da didática, lançamento de frequência, registro de aulas, preparação de avaliações, etc. Todavia, é importante salientar que algumas mudanças devem acontecer para o programa de monitoria ser satisfatório para todos os públicos, monitor, professor e alunos, sendo a principal a criação de uma cultura consciente dos papéis e importância dos monitores e da monitoria por parte das IES (Instituições de Ensino Superior).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o discutido, fica evidente que o programa de monitoria é uma experiência através da qual é possível obter aprendizados que provavelmente não seriam conseguidos por outros meios, pois é por meio dela que se consegue não só um aprimoramento de habilidades docentes, mas também uma reformulação de conceitos de vida pessoal do monitor, o que corrobora diretamente com a chamada praxiologia explanada por Bourdieu (1994).

Visto que o monitor acadêmico tem como principal função o auxílio aos estudantes em suas dificuldades relativas à aprendizagem e absorção dos conteúdos acadêmicos, foi mostrado que um grande desafio é conseguir estimular os alunos a se interessarem em participar desse processo. Dessa forma, é importante destacar aqui como sugestão para o maior envolvimento e permanência ativa dos discentes nas atividades de monitoria, a explanação e divulgação da importância desse projeto para seus desenvolvimentos enquanto estudantes e profissionais, visto que um dos principais motivos encontrados para a evasão das monitorias é a falta de valorização.

Nota-se que a monitoria proporciona aos estudantes e aos professores a experiência da troca de papéis, em que o professor compreende empaticamente o estudante e este seu professor. Em suma, a monitoria, embora ajude a reproduzir determinados capitais culturais, intelectuais e linguísticos, pode ser lugar para uma educação emancipadora e produtora de amorosidade. Pode-se perceber, nessa análise, a fundamental influência no sistema de aprendizagem

sociopedagógica descrito por Paulo Freire até hoje no processo educacional, inferindo a importância de uma relação do amor nesse processo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). A sociologia de Pierre Bourdieu, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

CÉSAR, Coll Salvador. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henri. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

OLIVEIRA, C; CORDEIRO, A. **Monitoria acadêmica**: a importância para o aluno de licenciatura em química. ANAIS: 2º Encontro de ciência e Perícia Forenses do RN. Natal: ANNQ, 2011.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.